

**ERA UMA CASA BEM BAGUNÇADA... UMA CANÇÃO DE
UM GRUPO DE MULHERES RESIDENTES EM UM ABRIGO
PARA VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA**

Hermes Soares dos Santos¹

Resumo: Este artigo apresenta um recorte da coleta de dados de uma pesquisa do mesmo autor intitulada *Contribuições da Musicoterapia Social e Comunitária no enfrentamento do sofrimento ético político de um grupo de mulheres vítimas de violência doméstica*. O objetivo deste recorte é mostrar como a construção de uma composição musical de um grupo de mulheres vítimas de violência doméstica contribuiu para refletir e enfrentar questões incômodas no viver cotidiano da casa-abrigo. Como forma de intervenção musicoterapêutica, foram utilizados durante as sessões as experiências musicais de Bruscia (2016): audição, recriação e composição musicais. A vertente teórica e prática utilizada foi a Musicoterapia Social e Comunitária, e escritos de autores como Arndt, Cunha, Volpi, Stige e Bruscia foram utilizados para a fundamentação teórica. Este estudo revelou como que o contexto da casa-abrigo com suas relações e regras influenciam diretamente no estado emocional das mulheres e mostrou a composição musical do como uma forma de enfrentamento desses aspectos a partir da reflexão dos sentidos e significados vinculados ao referido contexto.

127

Palavras-chave: Musicoterapia Social e Comunitária, sentidos e significados, contexto social.

¹ Professor do Bacharelado em Musicoterapia da UNESPAR-Campus Curitiba II/FAP. Mestre em Música pela Escola de Música e Artes Cênicas da UFG (EMAC-UFG); Bacharel em Musicoterapia (EMAC/UFG); Bacharel em Flauta Transversal pela Universidade de Brasília (UnB); Licenciado em Filosofia pela PUC-GO. Lattes: [1619832393419485](https://lattes.inct.gov.br/1619832393419485)

**IT WAS A VERY MESSY HOUSE... A SONG BY A GROUP OF WOMEN
RESIDING IN A SHELTER FOR VICTIMS OF DOMESTIC VIOLENCE.**

Hermes Soares dos Santos

Abstract: This study is a cut from the data collection of a research by the same author entitled Contributions of Social and Community Music Therapy in facing the political ethical suffering of a group of women victims of domestic violence. The author aims to show how the construction of a musical composition of a group of women victims of domestic violence contributed to their reflections on troublesome issues of their relationships in the daily life of the shelter in which they reside. As a form of intervention during the data collection of this clipping, the musical experiences of Bruscia (2016), hearing, recreation and musical composition, were used during the sessions. The theoretical and practical aspect used for music therapy praxis was Social and Community Music Therapy and writings by authors such as Arndt, Cunha, Volpi, Stige and Bruscia were used for the theoretical foundation. According this, the performance of the music therapist can transpose the clinical and traditional space and reach wider limits within the social context where the influence of this context is marked for the subjects inserted in it. This study reveals how the context of the shelter with its relations and rules directly influence the emotional state of the subjects in question and shows the musical composition of the as a way of coping with these aspects from the reflection of the senses and meanings linked to the referred context.

128

Keywords: Social and Community Music Therapy, senses and meanings, social context.

INTRODUÇÃO

A violência contra qualquer sujeito em situação de vulnerabilidade tem sido, nos últimos anos, a motivação para a prática de pesquisa do autor deste artigo. Permanecer estático e omissos frente a atos opressores contra sujeitos frágeis em diversos aspectos sociais, como educação, finanças, etnia, sexualidade, gênero e moradia configura-se como cumplicidade e omissão quando há condições de enfrentar esse problema.

Dentro do aspecto gênero, muito recorrente na realidade brasileira, encontra-se a violência contra a mulher. Caracteriza-se “como qualquer ato violento que inclua ameaças, coerções, privação da liberdade (...) e que resulte ou possa resultar em danos nas esferas física, sexual e/ou emocional” (UNITED NATIONS, 1993 apud KRENKEL, S.; MORÉ, C., 2017, p. 771). Segundo indicadores mundiais, “30% das mulheres admitem já ter sofrido violência física e sexual por seu parceiro (...) e 38% dos assassinatos contra mulheres são cometidos por seu parceiro (...)” (WHO, 2014 apud KRENKEL, S.; MORÉ, C., 2017, p. 771).

No Brasil, a mídia televisiva e as redes sociais têm exposto um grande número de reportagens sobre atos criminosos contendo feminicídios e comportamentos misóginos², revelando um considerável aumento gradativo. Segundo o site Compromisso e Atitude,

(...) no 1º semestre de 2016, em 39,34% dos casos a violência ocorre diariamente; e em 32,76%, semanalmente. Isso significa que em 71,10% dos casos, a violência ocorre com uma frequência extremamente alta. Do total de relatos, 51,06% referem-se a agressões físicas e 31,10%, à violência psicológica. Em 39,34%, a violência ocorre diariamente, e em 32,76%, a frequência é semanal. Em 67,63% dos casos, as agressões foram cometidas por homens com quem as vítimas mantêm ou mantiveram uma relação afetiva. Esses dados foram divulgados no Balanço dos atendimentos realizados pela Central de Atendimento à Mulher – Ligue 180, da Secretaria de Políticas para as Mulheres (Compromisso e Atitude, 2019)

A violência contra a mulher não é atual. A condição inferiorizada da mulher foi construída juntamente com o paradigma do patriarcado (CAVALCANTI; OLIVEIRA, 2007), marca evidente e referencial de muitas sociedades tradicionais. Porém, a entrada da linguagem dos direitos civis no final dos anos de 1970 no Brasil motivou a conquista feminina de postos e posições novos e intensificou a luta contra os padrões de assimetria de gênero, questionando, dessa forma, os limites do patriarcado.

² Feminicídio é o ato de homicídio cometido contra a mulher motivado por desprezo à sua condição feminina ou discriminação de gênero (misoginia). A lei 13.104/15 incluiu o feminicídio como qualificador do crime de homicídio no Código Penal Brasileiro, tornando-se conhecida como Lei do Feminicídio (PORFÍRIO, 2020).

Diante disso, o homem, principalmente o brasileiro, para se manter dominante na relação com a mulher, faz uso da violência, pois só a afirmação e argumentação de sua pretensa superioridade não são suficientes. Segundo Schwarcz (2019, p. 187), o sentimento de perda de privilégios por parte dos homens nos diversos espaços sociais “pode dar vazão não só a violência física, mas também a violência simbólica e moral”. Há aqui uma supervalorização dos papéis masculinos em detrimento dos femininos. E quanto mais se tornam independentes e autônomas, mais as mulheres sofrem reações misóginas. As taxas de feminicídio também crescem em relação proporcional ao alcance de postos mais elevados no trabalho e fora de casa.

Schwarcz (2019) ainda afirma que, na época da colonização brasileira, o número de colonizadores homens era superior ao das mulheres. Isso provocava o surgimento de violentas formas de relação sexual expressa em um provérbio muito popular na época que indicava a presença de uma hierarquia de gênero: “A negra no fogão, a mulata na cama, a branca no altar” (2019, p. 194).

Diante dessa realidade, algumas mulheres procuram em casas-abrigo, suportes para o enfrentamento do problema. Na década de 1970, surgiram os primeiros abrigos para mulheres em situação de violência motivados pelos movimentos feministas. O ativismo e as reivindicações “contribuíram para a visibilização das questões de gênero e apontaram para a falta de políticas públicas e (...) serviços” como garantias de direitos (KRENKEL, S.; MORE, C., 2017, p. 771).

As casas-abrigos possuem caráter temporário. São oferecidos nestes locais segurança e sigilo de sua localização para garantir a integridade física e psicológica de mulheres que se encontram em situação de risco quanto à violência e a ameaça de morte. Além disso, são administradas diversas ações cujo os objetivos são

promover o atendimento integral e interdisciplinar às mulheres e a seus filhos, especialmente nas áreas social, jurídica e psicológica; promover condições de reinserção social da mulher após sua saída da casa-abrigo, como trabalho e renda, moradia, creche para os filhos e inserção nos programas de saúde; informar à mulher quanto aos seus direitos e meios para exercê-los; oferecer um ambiente acolhedor para as mulheres visando ao exercício de sua autonomia e recuperação da autoestima, atuando como um importante dispositivo no conjunto de recursos para o enfrentamento da violência contra a mulher (BRASIL, 2011 apud KRENKEL, S.; MORE, C., 2017, p. 771)

Uma das dificuldades que as mulheres e seus filhos encontram nas casas-abrigo é a dificuldade de lidar com regras rígidas, fator causador de mágoa, frustração ou raiva, o que interfere na permanência no local (KRENKEL, S.; MORÉ, C., 2017). Neste trabalho, a dificuldade de convivência com o cotidiano da instituição e as relações com as colegas e seus filhos surgiu como a temática principal na composição construída pelas participantes.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A casa-abrigo onde foi realizada a coleta de dados da pesquisa tem como um dos objetivos de suas ações a oferta de um ambiente acolhedor para recuperação da autoestima e exercício da autonomia de mulheres em situação de violência doméstica. A Musicoterapia, portanto, pode auxiliar neste propósito, pois possui dentre os seus objetivos o uso do som e dos elementos da música “para desenvolver potenciais (...) do indivíduo de forma que ele possa alcançar melhor integração (...) e (...) melhor qualidade de vida. (RUUD apud BRUSCIA, 2016, p. 282).

Na prática musicoterapêutica, existe uma vertente teórica e prática em expansão denominada Musicoterapia Social e Comunitária. Esta vertente foi escolhida para este trabalho de pesquisa devido ao fato de que as bases teóricas constituintes não consideram de imediato aspectos patológicos, e sim, aspectos sociais que desfavorecem a subjetividade do sujeito em um contexto social e comunitário.

Bruscia (2016, p. 215) define esta vertente como ecológica, por se referir à “promoção de saúde dentro e entre as diferentes camadas da comunidade sociocultural e/ou do ambiente físico”. Afirma também que os objetivos se estendem para além da relação terapeuta-cliente e inclui “muitas camadas de troca entre cliente e comunidade, terapeuta e comunidade, membros da comunidade e entre as próprias comunidades” (2016, p. 216)

Arndt, Cunha e Volpi (2016) definem alguns princípios fundamentais para a prática musicoterapêutica social e comunitária, a saber: criação de espaços para o sujeito participante biografar-se; o uso de materiais sonoros e expressivos para o investimento em relações comunitárias; a importância do contexto histórico-cultural; o foco nas possibilidades transformativas da realidade social; “a dinâmica relacional e sonora da prática musical” (ARNDT et al, 2016, p. 3).

Como exposto acima, na prática musicoterapêutica social e comunitária, um princípio fundamental é o contexto histórico-cultural. O espaço onde o sujeito estabelece relações influencia diretamente na forma como ele se relaciona consigo mesmo e constrói sua subjetividade de forma saudável ou não. Em um trabalho com funcionários e usuários em uma instituição psiquiátrica de internações breves, Maratos (2004) propôs ensaios e performances de um musical no qual o enredo era a crítica ao modelo clínico tradicional com regras rígidas que dificultava a proximidade entre pacientes e funcionários. O protagonista da peça é um professor de música e regente que é ameaçado de ser despedido por “perverter” a ordem e agitar os pacientes acalmados com medicação intensa. O objetivo da atividade foi otimizar e modificar a relação entre pacientes e funcionários e promover um ambiente onde a criatividade, o bom humor e a valorização do outro promovessem a otimização da saúde coletiva. Esse objetivo preconizado por Maratos (2004) se relaciona com um dos princípios citados acima por Arndt, Cunha e Volpi (2016): o foco nas possibilidades transformativas da realidade social.

A Musicoterapia Social e Comunitária não se caracteriza como um modelo oficial mundial, pois não possui técnicas e métodos definidos para essa práxis. Na literatura, encontramos diversos suportes teóricos distintos como fundamentação para atuação nesta área. Bruscia (2016) afirma que se trata de uma área relativamente nova, o que indica ainda pouco desenvolvimento de suas práticas e, conseqüente, apresenta dificuldade de definição, distinção e categorização das práticas relacionadas para essa área de atuação.

Neste trabalho, adotaremos fundamentações teóricas de Vygotsky (1992), Luria (1986) e de Stige (1998) citados por Camargo, Maheirie e Wazlawick (2007). Vygotsky coloca o significado da palavra como a parte mais estável, a parte generalista da palavra, compreendida pelo conjunto da sociedade. O sentido seria a particularidade da palavra, pois é parte da experiência de um sujeito em um contexto reduzido (LURIA, 1986 apud CAMARGO et al, 2007). Stige, um dos musicoterapeutas pesquisadores da área social e comunitária, com base na filosofia de Wittgenstein, traz a polissemia da palavra e da música dentro do contexto social. Reflexões de Stige e Ruud entendem a música e seus significados relacionados ao contexto social. Palavra e música dependem do jogo, do cenário

e dos movimentos de seus atores. Camargo et al (2007) afirmam que na Musicoterapia, é fundamental “fazer a leitura a partir do resgate dos movimentos e momentos que compõem a história de vida de um sujeito” (p. 112).

METODOLOGIA

Neste artigo será explanado um recorte da coleta de dados de uma pesquisa intitulada *Contribuições da Musicoterapia Social e Comunitária no enfrentamento do sofrimento ético político de um grupo de mulheres vítimas de violência doméstica*³. O objetivo é mostrar como a construção de uma composição musical de um grupo de mulheres vítimas de violência doméstica auxiliou-as a refletir sobre questões incômodas de seus relacionamentos no cotidiano do abrigo no qual residem. Esta composição foi construída durante duas sessões.

Foram utilizados os métodos musicoterapêuticos de audição, recriação e composição musicais (BRUSCIA, 2016).

Os instrumentos musicais utilizados foram violão (pelo pesquisador), bongô, caxixis, ganzá, xiquerê, chocalho, guizos. Os instrumentos utilizados para gravação da sessão e audição de canções foram gravador digital, *notebook*, celular com *bluetooth* com caixa de som.

A casa-abrigo em que foi realizada a pesquisa possui como foco a ação preventiva de risco a crianças e adolescentes em situação de risco junto com suas mães. Oferece retirada dessa situação sem romper o vínculo familiar, provimento de suas necessidades básicas, capacitação da mãe para o mercado de trabalho e acompanhamento social e psicológico para o retorno a sua moradia. É dada particular importância desse vínculo familiar para que não seja danoso para ambas as partes envolvidas: mães e seus filhos.

Os nomes das participantes expostos neste trabalho são fictícios: Maria, Paula, Roberta, Claudia, Rita e Cintia. Todas estavam albergadas juntamente com seus filhos em uma casa-abrigo em um bairro da cidade de Curitiba. Os encontros de Musicoterapia foram realizados às segundas-feiras no período noturno.

3 Esta pesquisa foi aprovada pelo CIP do Campus II da Unespar em 27 de fevereiro de 2019 pelo protocolo 0217/2019. Foi submetida ao Comitê de Ética da mesma instituição e aprovada pelo parecer 3.456.203 em 16 de julho de 2019. Seu período de execução é de fevereiro de 2019 a novembro de 2020.

Além do pesquisador musicoterapeuta na atuação, houve uma estudante de Musicoterapia e orientanda no programa PIC (Programa de Iniciação Científica) atuando na coleta de dados do trabalho.

O período noturno foi considerado o melhor para a execução do trabalho, pois as internas em sua grande maioria encontravam-se em casa junto com seus filhos. Esse período também foi considerado adequado para a realização da pesquisa da orientanda que tem como sujeitos os filhos dessas mulheres⁴.

A leitura dos dados colhidos durante a realização da composição foi feita com base nos conceitos de significados e sentidos fundamentados em reflexões de Vygotsky (1992), Luria (1986) citados por Camargo, Maheirie e Wazlawick (2007).

1° ENCONTRO

Na primeira sessão em que a canção começou a ser composta, participaram cinco mulheres, a saber: Maria, Paula, Claudia, Rita, Roberta. Em um dado momento, foi aplicado o método de Audição Musical e sua variação “Discussão através da canção” (BRUSCIA, 2016). Sugeriu-se que as participantes escolhessem canções para apreciar. Os objetivos desse método almejados para esse momento foram: “evocar estados e experiências afetivas; explorar ideias e pensamentos dos outros; (...) conectar o ouvinte à comunidade ou ao grupo sociocultural” (p. 133).

Logo após, as participantes sugeriram cantar um brinquedo cantado cuja letra trazia o nome de cada participante. Exemplo: “Refrão cantado por todos: A Maria pegou pão na casa do João. Foi você, Maria? Resposta de Maria: Eu não. Pergunta de todos: Foi quem? Resposta de Maria: a Roberta”. A partir daí a canção continuava com o nome da Roberta.

Foi percebido que as participantes escolheram canções evangélicas cuja a temática remetia a ideia de “casa”, bem como a canção sugerida acima. Diante disso, foi sugerida a construção de uma canção com esta temática, uma paródia, ou seja, a construção da letra da canção a partir de uma melodia já existente. As participantes optaram pela canção infantil “A casa”, de Toquinho e Vinicius de Moraes:

4 Este projeto de pesquisa, construído pela orientanda do Programa de Iniciação Científica (PIC) intitulado *A Musicoterapia como Recurso Mediador no Fortalecimento do Vínculo Familiar de Crianças e Adolescentes Situados em Contexto de Violência Doméstica*, foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UNESPAR/FAP mediante o parecer 3.535.720.

Era uma casa
 Muito engraçada
 Não tinha teto
 Não tinha nada
 Ninguém podia
 Entrar nela, não
 Porque na casa
 Não tinha chão

Ninguém podia
 Dormir na rede
 Porque na casa
 Não tinha parede
 Ninguém podia
 Fazer pipi
 Porque penico
 Não tinha ali

Mas era feita
 Com muito esmero
 Na Rua dos Bobos
 Número Zero

Surgiram, então, diversas ideias que, após estruturação e consentimento de todo o grupo, gerou a seguinte letra:

Era uma casa bem bagunçada
 Muitas crianças desordenadas
 Mas era feita com muito amor
 Muita alegria e acolhedor

Ninguém tinha privacidade
 Muitas mulheres de várias idades
 Ninguém queria entrar nela não
 Mas se apegava com coração.

COMENTÁRIO

As discussões que produziram o conteúdo da letra giravam em torno do cotidiano da casa-abrigo e suas relações. O grupo apresentou de forma intensa necessidade de verbalizar e expressar emoções de insatisfação nas relações e na forma como o cotidiano da casa-abrigo era organizado. Enquanto expressavam ideias para o pesquisador expor na construção da letra, falavam sobre essas relações e acontecimentos bastante recorrentes no interior da casa.

Isto está exposto no trecho inicial: “era uma casa bem bagunçada, muitas crianças desordenadas”. Neste momento, elas falaram das bagunças das crianças e da intromissão das internas na forma como cada uma educava o seu próprio filho, um dado que causa bastante desconforto e conflitos.

Outro motivo de conflito está exposto no seguinte trecho: “Ninguém tinha privacidade, muitas mulheres de várias idades”. A falta de privacidade, o sentimento de que não tinham uma casa própria com seus próprios limites e regras, bem como a diferença de idade e de cultura de cada moradora eram também motivos de desconforto e conflito.

No entanto, havia o reconhecimento de que a casa-abrigo possuía aspectos positivos: “mas era feita com muito amor, muita alegria e acolhedor”. A palavra “acolhedor” foi colocada no gênero masculino para rimar com amor. No trecho “ninguém queria entrar nela não, mas se apegava com o coração”, havia a manifestação de sentimento de amor ao lugar apesar de não ser um lugar desejado: a casa-abrigo não é uma escolha, mas uma necessidade.

LEITURA DOS DADOS

A casa-abrigo apresentou-se para estas participantes como um lugar problemático diante dos desafios da convivência com conflitos no cotidiano. O *significado* (VYGOTSKY, 1992 apud CAMARGO et al, 2007) de casa, compreendido como moradia e lar, apresenta como *sentido* (LURIA, 1986 apud CAMARGO et al, 2007) um lugar ao qual se recorre diante necessidade e diante do fato de não se ter para onde ir, mas o qual é feito com muito amor. As internas sempre se referiam às relações, mesmo que em meio a conflito, construções onde havia amor e amizade.

2° ENCONTRO

O encontro iniciou-se com boas vindas entre os pesquisadores e os membros do grupo. Ao ser perguntado sobre como elas estavam, as participantes, sem exceção, trouxeram queixas em relação a casa. Claudia liderava a discussão, expressando suas

insatisfações que encontravam ressonância e concordância no grupo. Estavam muito insatisfeitas com a forma como a rotina da casa era estabelecida, com diferenças na forma de tratamento para as internas, bem como a dificuldade de convívio e tolerância entre elas.

Diante da dinâmica do grupo no momento, sugerimos continuar a composição iniciada na sessão anterior, cuja temática abordava conteúdos ressonantes com o momento desta sessão. Claudia foi a que mais sugeriu ideias para a composição da letra. O grupo chegou ao seguinte resultado:

Era uma casa bem bagunçada
muitas crianças desordenadas
mas era feita com muito amor
muita alegria e acolhedor

Ninguém tinha privacidade
muitas mulheres de várias idades
ninguém queria entrar nela não
mas se apegava com coração.

Havia farpas que machucavam
Na caminhada que elas estavam
E com seus filhos estavam ali
Buscando emprego até conseguir

Ninguém queria entrar nessa rede
Pois tem ouvido nessas paredes
Ninguém podia fazer pipi
Porque uma fila havia ali

Mas era feita com muito esmero
Na rua ...⁵ número zero

COMENTÁRIO

A partir do trecho “havia farpas que machucavam...” a melodia escolhida foi a do princípio da canção. Este mesmo trecho representava as dificuldades que, de um modo geral, sofriam devido à condição em que viviam: vítimas de violência doméstica e albergadas. O trecho “e com seus filhos estavam ali, buscando emprego até conseguir” representa a luta pela família que constituíram, especialmente pelos filhos cuja a criação assumiram praticamente sozinhas, algumas com o auxílio da família de origem.

⁵ O nome da rua foi omitido como critério de sigilo da localização para preservar a identidade das participantes.

O trecho “ninguém queria entrar nessa rede pois tem ouvido nessas paredes...” fazia alusão às conversas atravessadas, as fofocas e maus entendidos dos discursos diários. A seguir, o trecho “ninguém podia fazer pipi, pois uma fila havia ali...” fazia referência à falta de privacidade para ir ao banheiro, um cômodo da casa que todos os moradores precisavam compartilhar.

Logo em seguida, o trecho, “mas era feita com muito esmero na rua ... número zero”, mostrava o reconhecimento e gratidão da parte delas diante da oportunidade de sobrevivência que se apresentou a elas.

LEITURA DOS DADOS

Nestes trechos expostos acima, houve alusão ao sentido (LURIA, 1986 apud CAMARGO et al, 2007) já demonstrado na primeira estrofe da canção: a casa-abrigo não era um lar. Há amor e acolhimento, mas não havia sentimento por parte das participantes de pertencimento, por não era uma opção escolhida por desejo, mas por necessidade. No entanto existia gratidão por estarem ali lutando e enfrentando seus conflitos intra e interpessoais.

O termo “rede” indica que a casa-abrigo é uma rede de relações não desejada. A rede, no contexto de instituições que trabalham como apoio de pessoas em vulnerabilidade, possui o sentido de lugar onde há “ouvido nas paredes”, ou seja, lugar onde há escutas mal intencionadas e mal interpretadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O grupo manifestou o desejo de utilizar o último dia da coleta de dados da pesquisa para apresentar a composição na instituição. Foi realizado uma apresentação e membros da gestão da casa, bem como colaboradores, participaram do momento.

A proposta da composição musical exposta acima foi sugerida pelo pesquisador a partir da dinâmica que o grupo expôs durante as duas sessões em que a atividade foi realizada. Percebeu-se que a temática exposta, os conflitos internos da casa-abrigo, exigia urgente expressão por parte do grupo.

Em leituras realizadas como fundamentação para a pesquisa da qual foi feito esse recorte, foram encontradas experiências de trabalho da área musicoterapêutica com essa clientela em que composições traziam conteúdos em que relatos de superação da violência contra a mulher surgiam nas letras das canções. Isso produziu uma expectativa de que essa temática iria surgir no decorrer da canção por parte do pesquisador. Curtis (2006), em uma experiência na qual construiu uma composição com uma mulher vítima de violência doméstica, mostra composições realizadas juntamente com elas. Eis um trecho abaixo:

O ardor no meu coração
Não é mais um dor
Você controlava a minha vida
Como um tumor canceroso
Agora eu tenho uma vida
Enquanto você continua um idiota⁶

Porém, o surgimento da temática presente na composição das moradoras na casa-abrigo sinalizou para uma realidade que não fora abarcada na elaboração do projeto que deu a origem a esta pesquisa. A construção desse artigo foi mobilizada pela necessidade de um resgate extra de informações a serem utilizadas como revisão de literatura para a continuidade da pesquisa. KRENKEL & MORÉ (2017) assinalam que a participação e empenho nas atividades realizadas nas casas-abrigo contribuem para a satisfação de vida nestes locais.

Diante disso, compreendeu-se que pesquisas de campo, bem como trabalhos de estagiários e profissionais da área musicoterapêutica social e comunitária precisam considerar a influência do contexto social e cultural na saúde dos sujeitos que o frequentam. Segundo Ruud (1988, 1998 apud BRUSCIA, 2016, p. 216), a Musicoterapia e a música “servem ‘a um importante papel aprimorando nossa qualidade de vida (...) o que fortalece nossa consciência emocional, estabelece um senso de ação, nutre o pertencimento e fornece sentido e coerência à vida”.

A concepção de sentido preconizada por Luria (1986 apud CAMARGO et al, 2007) pode ser relacionada com a citação de Ruud ao considerar como sujeito e/ou grupos de sujeitos compreendem os significados e sentidos são construídos no contexto. O sentido

⁶ The burden on my heart is/ no longer an ache/ You controlled my life like a cancerous mole/ Now I have my life/ but you're still an asshole.

de lar para as mulheres da casa-abrigo gera forte influência em suas emoções e interferem na relação entre elas e a gestão, influenciando diretamente em suas atitudes, metas, bem como na permanência até o momento necessário para o egresso.

Os sentidos destacados na leitura dos dados indicaram a necessidade de o grupo conduzir a discussão em outros momentos fora dos atendimentos de Musicoterapia. O grupo manifestou o desejo de apresentar a canção para outros sujeitos atuantes, como membros da gestão da casa-abrigo. Esse fato confirma as possibilidades preconizadas pela Musicoterapia Social e Comunitária: romper limites dos atendimentos clínicos e tradicionais e ocupar outros espaços mais ampliados, enfatizando assim, as “possibilidades transformativas da realidade social” (ARNDT et al, 2016, p. 3).

A análise realizada se ateve aos sentidos e significados destacados a partir da letra da composição. Pretende-se em escritos futuros realizar uma leitura musicoterapêutica a partir da análise da campo harmônico desta canção, constituída por progressões de acordes dentro do centro tonal e de acordes dominantes secundários que sustentam a melodia (GUEST, 2006). Estas características se encontram em diversas canções infantis, como “A casa”, e despertam sentidos e significados emocionais diversos em seus ouvintes. Será realizada uma revisão de literatura para coletar exemplos dessas canções e seus usos na prática musicoterapêutica. O intuito desses escritos será a leitura musicoterapêutica - a luz da teoria de Vygotsky e Luria sobre os significados e sentidos e da reflexão de Stige e Ruud sobre a música e seus significados no contexto social (apud CAMARGO et al, 2007) - da letra e da música desta canção e de outros momentos do processo musicoterapêutico das mulheres que participaram desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

ARNDT, A. D.; CUNHA, R.; VOLPI, S. Aspectos da prática musicoterapêutica: Contexto Social e Comunitário em perspectiva. **Psicologia e Sociedade**. 28(2), p. 387-395, 2016. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v28n2/1807-0310-psoc-28-02-00387.pdf>>. Acesso em 18 de novembro de 2019.

BRUSCIA, Kenneth. **Definindo Musicoterapia**. Tradução: Marcus Leopoldino. 3ª ed. Dallas: Barcelona Publishers, 2016.

CAMARGO, Denise de; MAHEIRIE, Kátia; WASLAWICK, Patrícia. Significados e Sentidos da Música: Uma Breve “Composição” a partir da Psicologia Histórico-Cultural. **Psicologia em Estudo**. Maringá, v. 12, n 1. Jan./apr. 2007. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/pe/v12n1/v12n1a12>>. Acesso em 18 de novembro de 2019.

CAVALCANTI, Vanessa R. S.; OLIVEIRA, Anna P. G. Violência Doméstica na Perspectiva de Gênero e Políticas Públicas. **Revista Brasileira de Crescimento Desenvolvimento Humano**, 2007;17(1): p. 39-51.

CURTIS, S.L. Feminist Music Therapy: transforming theory, transforming lives. **Feminist Perspectives in Music Therapy**. Hadley, S. (org). Gilsum NH: Barcelona Publishers, 2006, p. 227-44.

DADOS nacionais sobre violência contra as mulheres. **Compromissoeatitude.org.br**, c2020. Disponível em: < <http://www.compromissoeatitude.org.br/dados-nacionais-sobre-violencia-contra-as-mulheres/>> Acesso em 23 de março de 2020.

GUEST, I. Harmonia: Método Prático. Volume I. 2ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Lumiar Editora, 2006.

KRENKEL, S.; MORÉ, C. L. O. O. Violência contra a Mulher, Casas-Abrigo e Redes Sociais: Revisão Sistemática da Literatura. **Psicologia: Ciência e Profissão**, 2017, v. 37, n° 3, 770-783.

MARATOS, A. Whatever Next? Community Music Therapy for the Institution! In: **ANSDELL, G.; PAVLICEVIC, M. Community Music Therapy**. Jessica Kingsley Publishers, 2004.

PORFÍRIO, Francisco. **Feminicídio; Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/feminicidio.htm>. Acesso em 20 de março de 2020.

Recebido: 20/11
Aceito: 02/04